

O Legado de René Armand Dreifuss

Fernando Antonio da Costa Vieira*

René Armand Dreifuss nasceu em 2 de janeiro de 1945, em Montevideú. Filho de um casal judeu de origem alemã que saíra do país ante a escalada persecutória nazista. Logo a família se mudaria para o Rio de Janeiro. A criação de Israel, em 1948, alimentou entre a comunidade judaica, vitimada pelo holocausto, o desejo de construir um lar livre do antissemitismo. Foi em Israel que Dreifuss buscou concretizar sua graduação. Em Haifa, graduou-se em ciências políticas e História. Nos anos 1970, embarcou para o Reino Unido. Fez seu mestrado em Leeds e seu doutorado em Glasgow, ambos em ciência política.

No entanto, seu interesse em compreender o processo político que levava a instalação do governo militar no Brasil trouxe-o de volta ao país. Em 1980, passou a lecionar na ciência política da UFMG. Procurou estudar o contexto da derrubada do governo de João Goulart (1961-1964) e a estruturação das bases sociais e econômicas dos governos pós 1964.

Intelectual atuante participou de diversos núcleos de pesquisa na UFMG, na UNICAMP, na COPPE/UFRJ, entre outros. Uma intensa busca pelo diálogo entre os pesquisadores na ciência política, história, sociologia, entre outras. De 1986 até sua morte, em 2003, lecionou na Ciência Política da UFF.

Produziu uma obra diversificada, se destacando 1964: a conquista do Estado; a Internacional Capitalista; o Jogo da Direita na Nova República; Política, Poder, Estado e Força – Uma leitura de Weber; entre outros trabalhos.

Seu legado para as Ciências Humanas no Brasil se traduz nas conclusões apresentadas em suas pesquisas sobre o caráter do golpe de 1964, as articulações do capital nacional e internacional e sua desvinculação do ideário da democracia representativa.

Em 1964: A conquista do Estado, sua tese de doutorado publicada como livro em 1981, Dreifuss mudou o foco dos estudos sobre o golpe de 1964. Com minuciosa análise documental, ele apontou as articulações entre militares e empresariado visando a derrubada do governo João Goulart (1961-1964). Com isso, a tradicional leitura de 1964 enquanto mais uma quartelada militar é superada por uma leitura mais ampla que analisou a construção de um projeto amplo de governo incorporando transformações econômicas, sociais e políticas.

Para Dreifuss, o estudo sobre o que levou ao golpe de 1964 deveria incorporar

* Historiador e doutor em Sociologia e Antropologia pelo IFCS. Professor adjunto do Programa de Pós-graduação em Sociologia Política do IUPERJ (PPGSP IUPERJ/UCAM). Editor da revista Entropia.

as contradições estruturais do Estado capitalista em sua forma populista pela vanguarda civil e militar do bloco empresarial modernizanteconservador. Isso significava que as ideologias empresariais e a doutrinação política convergiam para o ponto no qual o entendimento das necessidades de mudança seria traduzido em ação política, enquanto que as forças políticas tradicionais tentavam ainda sobrepor-se aos conflitos básicos, mantendoos dentro de certos limites históricos que haviam se esgotado. (Dreifuss, 1981: 145).

Nesse sentido, Dreifuss assinalou a nova conjuntura que caracterizava o projeto do capitalismo internacional para algumas economias periféricas que implicou a absorção de capital e a constituição de indústrias complementares para os grandes centros, em especial, na indústria automobilística. Com isso, o golpe começou a ser pensado em espaços como o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (IPES) e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (IBAD).

O IPES buscou se articular com lideranças militares planejando os rumos da economia uma vez consumada a conquista do Estado. Liderado por grandes empresários, como por exemplo, Augusto Trajano de Azevedo Antunes do grupo Caemi Mineração e Antonio Galloti ligado à Light AS, buscavam construir uma base intelectual que desqualificasse o governo Jango e legitimasse o futuro golpe.

Para esses setores a crescente participação dos trabalhadores organizados na arena política e, sua contínua demanda por avanços sociais, se apresentava como obstáculo à expansão do capital no país, em especial, o capital internacional. A continuidade do fluxo de investimentos no Brasil demandava a restrição da atuação de sindicatos e de movimentos sociais como as Ligas Camponesas, criando um ambiente seguro e confiável para o investidor.

A elite empresarial brasileira se articulou também com o capital transnacional criando um suporte financeiro legitimador de suas pretensões antidemocráticas e golpistas. Para isso utilizou o IBAD. Se ao IPES cabia o papel articulador de ideias, Dreifuss nos mostrou o IBAD a ação direta, o jogo sujo da manipulação da sociedade, o financiamento da mídia para a reprodução ideias anticomunistas, de associação de ideias entre comunismo e governo Jango, a desconstrução do papel dos sindicatos e sua demonização.

Com maestria e muita pesquisa, Dreifuss desvendou esse labirinto e apresentou o organograma dessas organizações, suas lideranças, fonte de financiamento e capacidade operativa. O apoio financeiro norte-americano foi comprovado documentalmente por Dreifuss assinalando como o Departamento de Estado do governo estadunidense considerava a derrubada do governo brasileiro um ponto estratégico central.

Além disso, demonstrou que o IPES e o IBAD dialogavam com outro importante

ator para a construção do arranjo golpista: a Escola Superior de Guerra (ESG). A parceria entre esses três órgãos se dava num contexto de reafirmação da prevalência da articulação da segurança nacional, reativada enquanto doutrina guia do novo regime a ser imposto ao país. Para Dreifuss a ESG se apresentou como o

Instrumento para o estabelecimento de ligações orgânicas entre militares e civis, tanto no aparelho estatal quanto nas empresas privadas (...) os industriais e tecno-empresários ligados à estrutura multinacional transmitiam e recebiam treinamento em administração pública e objetivos empresariais na ESG(...) compartilhando a ideologia da segurança nacional de seus equivalentes, esses empresários viam a disciplina e a hierarquia como componentes essenciais de um sistema industrial (Dreifuss, 1981: 80).

Completo sua análise com o papel do capital transnacional se articulando aos militares e ao empresariado nacional objetivando a reprodutibilidade do capital independente de fronteiras, mas prescindindo da própria democracia para atingir seus fins. Com esse conjunto de análises, a obra se tornou um marco nas ciências sociais brasileiras.

No entanto, Dreifuss aprofundou as análises de 1964, centrando agora num estudo sobre o capital transnacional. Em 1986, foi lançado *A Internacional Capitalista: estratégias e táticas do empresariado transnacional*. Numa análise de um processo que para o autor remontava ao fim da 1ª Guerra Mundial, em 1918, o autor buscou compreender o movimento desse ator econômico no mundo, a construção de seu ideário de mundo e como agia nos países periféricos. Nesse sentido, a América Latina se tornou o principal lócus de atuação do capital transnacional, em especial no pós Segunda Guerra, no contexto da bipolaridade da Guerra Fria.

A contenção do avanço soviético implicava garantir férreo controle sobre as áreas consideradas centrais para esse capital transnacional. O discurso anticomunista permitiu maior inserção nessas sociedades com baixa escolaridade e forte perspectiva religiosa. O apoio aos golpes na América do Sul nos anos 1960 e 1970 explicitou essa atuação. Brasil (1964), Argentina (1976) e, em especial, o Chile em 1973 são exemplos mais visíveis dessa atuação do capital transnacional que, em troca, investia na industrialização ou na reestruturação neoliberal dessas economias. Economias dependentes desse capital transnacional sem margem de manobra para economias soberanas e projetos que abarcassem as camadas populares, eis o sentido da modernização capitalista na América do Sul desvelada por Dreifuss.

O conjunto de sua obra nos deixa o legado de um sólido intelectual que transitava pelo marxismo com desenvoltura, ao mesmo tempo em que percebia o uso de outras categorias não marxistas para alavancar suas conclusões. Sua morte prematura

deixou um vazio na nossa produção científica e sua obra não pode deixar de ser lembrada e atualizada.

Referências

DREIFUSS, R. Armand Dreifuss. *1964: a conquista do Estado – ação política, poder e golpe de classe*. Petropolis: Vozes, 1981.